

Uma Leitura Chinesa do Mito de Antígona

A Chinese Reading of the Myth of Antigone

Ana Cristina Alves¹

Centro Científico e Cultural de Macau

Investigadora auxiliar e Coordenadora do Serviço Educativo

anacristinaalves@cccm.gov.pt

ORCID: 000-0002-1461-4746

Palavras-chave: China, Ocidente, *Nomos*, *Physis*, Liberdade.
Keywords: China, West, *Nomos*, *Physis*, Freedom.

1. Desobediência civil

O conceito de desobediência civil surgiu no âmbito dum ensaio publicado em 1849 do ativista norte-americano do século XIX, Henry David Thoreau, intitulado “Resistance to Civil Government” contra os impostos cobrados para criar fundos que viabilizassem a guerra mexicano-americana. Este tipo de desobediência define-se como a recusa popular em obedecer a determinada lei ou *nomos*. Se é verdade que a criação do enquadramento teórico e legal remonta a meados do século XIX, a sua prática conduz-nos à tragédia grega, ao século V a.C., ao dramaturgo Sófocles e à sua peça *Antígona*. Nesta tragédia, decide o governante castigar o sobrinho agressor da cidade de Tebas, não permitindo que o seu cadáver seja sepultado, e recompensar aquele que considerava o protetor de Tebas, com um enterro digno. Quem desobedecesse às suas ordens sofreria a pena de morte. Ismena acatou as ordens reais, Antígona rebelou-se, abdicando de tudo, incluindo do noivado com o filho do rei, Hémon. Este ato de desobediência civil em nome de uma justiça natural diretamente ligada aos deuses, a

¹ Ana Cristina Ferreira de Almeida Rodrigues Alves é doutora em Filosofia da História, da Cultura e da Religião pela Universidade de Lisboa desde 2005. É Investigadora Auxiliar e coordena o Setor Educativo e a área de tradução Chinês/Português no Centro Científico e Cultural de Macau em Lisboa. Tem obra publicada relativa à Literatura, Tradução e Cultura Chinesa, destacando-se o texto poético *Visitações* (2022) e o ensaio *Cultura Chinesa, Uma Perspetiva Ocidental* (2022).

physis, na aceção pré-socrática, valeu-lhe ser enterrada viva, conduzindo o noivo desesperado ao suicídio.

Vale a pena deter-nos um pouco nos argumentos apresentados por Ismena, a típica mulher tradicional, para dissuadir a irmã de cometer o que ela considerava louca e infrutífera desobediência:

Pensa, antes de mais nada, que somos mulheres, e que, como tais, não podemos lutar contra os homens; pensa também que estamos submetidas a pessoas mais poderosas do que nós, e que, portanto, nos é forçoso obedecer às suas ordens, por muito rigorosas que sejam [...] não disponho de recursos para atuar contra as leis da cidade. (Gil, p. 97)

Ismena é a personagem complementar de Antígona, é a mulher fraca, tradicional, subjugada a leis e a poderes que aceita e considera indiscutíveis. Já Antígona é aberta, forte e corajosa, estando preparada para desobedecer a um *nomos* em nome das leis divinas e de uma justiça maior, a da *physis*, porque acima da justiça humana, tantas vezes falsa ou incompleta, se encontra uma maior, a verdadeira justiça. Por isso, a heroína diz-nos:

Será formoso para mim morrer cumprindo esse dever. Assim repousarei junto dele, irmã amante com o irmão amado, rebelde e santa por ter cumprido todos os meus deveres piedosos. (Gil, p. 97)

Nota-se neste enquadramento grego uma proximidade à mais antiga filosofia chinesa sistematizada, a confucionista, que em aliança com a arte chega aos nossos dias, através do *Clássico dos Cantares*, constituído por 305 poemas dos tempos da dinastia Zhou (周, 1046-. 275 a.C). A eles podemos aceder através da versão bilingue por James Legge, da tradução de Arthur Waley ou do Padre Joaquim Guerra. Esta poesia compilada por Confúcio (551- 479. A.C) e pela sua escola a partir do século VI a.C. é de proveniência mais remota, como refere o professor Stephen Owen no prefácio à tradução de Arthur Waley.

Os poemas refletem o ritmo de vida da sedentária e agrícola dinastia Zhou. Cantam namoros e casamentos, guerras e batalhas, atividades agrícolas e bênçãos, festejos, sacrifícios e o culto dos antepassados, músicas e dançares, hinos religiosos, lendas dinásticas; relatam atividades de engenharia e de caça; ou descrevem amizades, princípios morais e lamentações. Diz-nos Owen que “os poemas mais antigos, os hinos religiosos da família real dos Chou, devem datar de 1000 a.C” (Waley, 1987, xiii).

No poema 194 na classificação de Arthur Waley, da secção dedicada às Celebrações, intitulado “Celebração do Clã”, que corresponde à Ode IV da Década de Lu Ming (鹿鳴), encontramos os princípios familiares norteadores da cultura chinesa tão marcada pelo Confucionismo. Aqui as relações familiares passam para primeiro plano, sobrepondo-se a quaisquer outras. Elas ditam o modelo exemplar para as relações entre soberanos e súditos, que se devem pautar pelas hierarquias e ligações familiares: o governante é um verdadeiro pai da nação e, simultaneamente, o filho do Céu, pelo que é obrigado a obedecer-lhe, sendo investido de um Mandato Celestial (天命). Na terra espera-se respeito aos pais e amor às mães, bem como entre irmãos, sendo estas últimas ligações afetivas

as mais poderosas no tempo da dinastia Zhou, como lemos nalgumas estrofes da Celebração do Clã:

Quão esplendorosas são
As flores da cerejeira!
Não há outra relação
Como entre irmãos.
(Waley, 1987, p. 203)

常棣
常棣之華
鄂不
韡韡凡今
之人莫如
兄弟
(Legge, 1994, p. 250)

Não há relação familiar mais afetuosa do que a que existe entre irmãos. Neste contexto, é uma tristeza ter de castigar familiares e, especialmente, irmãos, como sucedeu com o Duque de Zhou quando teve de punir os irmãos mais novos. Talvez na sequência da sua ação tenha surgido a ode que lhe é atribuída. Por isso, quando os irmãos estão bem, reinam a paz, a alegria e a temperança, que se estendem a toda a família, incluindo mulheres e filhos, como se pode ler na sétima estrofe do poema:

As vossas mulheres e filhos também acordam
Como pequenas e grandes cítaras.
Mas quando os irmãos concordam,
Reinam a harmonia e a alegria.
(Waley, 1987, p. 204)

妻子好合
如鼓瑟琴
兄弟既翕
和樂
(Legge, 1994, p. 252)

Na Antiga China dos tempos Zhou, num período que se estende do século X ao III a.C, abrangendo o século V das tragédias gregas, atentar contra um irmão é incorrer no maior dos crimes de natureza, ficando assim plenamente justificada na ordem divina a desobediência civil de Antígona. Afinal, ela apenas se recusa a obedecer a uma lei humana injusta, o que não pode deixar de ser louvado aos olhos dos deuses, como clama a protagonista em sua defesa: “não pensei que os teus decretos, como mortal que és, pudessem ter primazia sobre as leis não escritas e imutáveis dos deuses” (Gil, p. 108). Sob este ângulo, Creonte não passa de um tirano, cujos éditos injustos terão consequências imprevisíveis e trágicas.

Esta difícil situação é expressa na opinião da cidade, tão bem transmitida na tragédia de Sófocles pelo Coro. Se é verdade que, no início da peça, o Coro discorda da atitude de Polinices, que afronta o bem-estar da cidade com seus poderosos guerreiros, à medida que a ação se desenrola vai mudando de opinião.

Creonte, apesar dos avisos do corifeu de que a desgraça se aproxima a passos largos, não cede:

O mal reveste-se com aspeto de bem para aquele que deus empurra para a perdição; então os seus dias não estão por muito tempo ao abrigo da desgraça. (Gil, p. 114)

No *Clássico dos Cantares* surge, *mutatis mutandis*, o mesmo tipo de advertência, já que apenas quando se respeitam os deuses e os antepassados podem os reis da dinastia Zhou atrair paz e prosperidade para as suas terras. A violência de imposição humana sem ligação à verdadeira justiça terá consequências igualmente desastrosas. Mas há governantes sábios, precisamente os que respeitam o Céu e os antecessores. Leia-se o poema 229, na classificação de Waley, constituído por apenas uma estrofe, que pertence às Canções Dinásticas, ou na ordenação de Legge, às Odes sacrificiais de Zhou, concretamente a Ode III da Década Min Yu Xiao Zi (閔予小子), que nos apresenta um cenário em que os mais novos prestam reverência às potências transcendentais, que incluindo os ancestrais e o Céu:

“Reverência”

Reverência,
Reverência, pelo Céu tudo é visto,
Difícil é o seu Mandato,
Não se diga que é alto, muito alto,
A sua distância está ao nosso alcance,
Ele vela por nós, aqui e agora.
Eu, pequena criança,
Não sou sábio, nem reverente,
Mas com os dias e meses a passar,
Aprenderei com os que me vieram iluminar.
Ó Luz, Ó Radiância,
Auxilia o teu filho no seu desempenho
A manter-se no caminho da virtude.
(Waley, 1987: 204)

《敬之》
敬之
敬之天維
顯思命不
易哉
無曰高高
在上陟降厥土
日監在茲
維予小子
不聽敬止
日就月將
學有緝
熙于光明
佛時仔肩
示我顯德行
(Legge, 1994, pp. 598-599)

Creonte, porém, não escuta nem o Corifeu nem o adivinho Tirésias, este último diretamente em contacto com os misteriosos desígnios celestiais. Ele está enfurecido, foi desautorizado e, ainda por cima, por uma mulher, como explica ao filho Hémon, quando tenta salvar a noiva:

É melhor, se preciso for, cair pela mão de um homem, que ouvir dizer que fomos vencidos por uma mulher. (Gil, p. 116)

Aproxima-se o fim e a tragédia, com a certa previsão de Tirésias, que corre a avisar o rei antes da calamidade. Diz-lhe que viu umas aves em algazarra no Céu a destroçarem-se umas às outras e, perante a recusa de Creonte em recuar na sua atitude, conclui, em tensa discussão com o rei, com a seguinte predição:

as rodas rápidas do Sol não darão muitas voltas antes que um herdeiro do teu sangue pague com a sua morte outra morte; porque tu precipitaste ignominiosamente sob a terra um ser que vivia à superfície e o obrigaste a viver num sepulcro, enquanto reténs aqui em cima um cadáver longe dos deuses subterrâneos, sem honras fúnebres e sem sepultura. (Gil, 127)

Afasta-se o adivinho advertindo que o rei despoletou a ira das divindades vingadoras do Hades, as Erínias, e dos deuses. O rei de Tebas ao mandar enterrar Antígona viva na caverna de uma rocha, atraí as piores desgraças sobre si e a sua família, já que perde o filho e a mulher e a opinião pública, ou melhor, a simpatia da cidade. O Corifeu, num primeiro momento responsabiliza Antígona por a considerar desobediente e arrogante: “o teu carácter altivo perdeu-te” (Gil, p. 122). Mas, no final, reconhece que o rei foi vítima “das desgraças que lhe estão marcadas pelo fado” (Gil, p. 135) e, portanto, seguindo a advertência do epílogo do Coro “não se deve ser ímpio para com os deuses. As palavras insolentes e altaneiras pagam-nas com grandes infortúnios os espíritos orgulhosos, que não aprendem a ter juízo quando chegam as tardias horas da velhice. (Gil, p. 135).

2. Obediência e Liberdade

Antígona desobedece a Creonte não por capricho, nem por desejo pessoal, mas para obedecer a uma lei maior, a da *physis*. Ela escolhe seguir a justiça imposta por lei não escrita, muito acima da lei humana, o *nomos* dos artificios e convenções da sociedade humana. No entanto, sente que tem o direito de desobedecer, fá-lo deliberadamente, por escolha própria, porque possui livre-arbítrio, diria alguns séculos mais tarde o Bispo de Hipona, Santo Agostinho (354-430), esse mesmo que defendeu, por um lado, poderem as pessoas escolher entre o bem e o mal, sendo o facto um sinal divino do respeito de Deus pela humanidade; por outro, que quem age por amor não pode fazer mal, como se lê no seu célebre aforismo, *ama e faz o que quiseres*², porque Deus é amor, logo a antítese do mal.

Antígona desobedece por amor. É inteiramente livre de o fazer, sendo o seu ato abençoado pelos deuses. Já Creonte, que descara os mandamentos não escri-

² Ama et quod vis fac, Tratado 7, seção 8 do Comentário à Primeira Carta de João.

tos divinos, é punido, vendo morrer os que mais ama em seu redor, primeiro o filho, Hémon, depois a mulher, Eurídice.

Os seres desobedientes e/ou caprichosos, como Creonte ou a Divindade da Lua, Chang'E (嫦娥 Cháng'é) têm destinos trágicos. Recorde-se a história da mulher do melhor de todos os arqueiros chineses, Houyi (后羿 Hòuyì) no mito "Chang'E Voa para a Lua" (嫦娥奔月 Cháng'é bēn yuè). Ela desobedeceu por curiosidade, agiu de livre vontade, mas o preço que pagou pela sua ação irrefletida, foi ficar para sempre separada daquele a quem mais amava. Os deuses não perdoariam o seu ato de ter readquirido o dom da imortalidade, sem pensar no marido. Assim, ela ficou na Lua e ele voou para o Sol, fazendo turnos no Céu sem nunca se chegarem a cruzar.

Chang'E tomou a pílula da imortalidade por iniciativa própria, de um modo impulsivo, que Houyi tanto tinha penado para adquirir, na sequência de ser castigado pelo Imperador Celestial, depois de lhe ter matado nove dos dez filhos, após o desterro para a terra com a mulher e o imenso esforço para obter o precioso elixir da mão da Rainha Mãe do Oeste. Porém, todo o empenho se viu gorado pela irrefletida curiosidade da mulher. Um ato desta natureza teria como consequência inevitável a punição do mundo divino: "Não querendo dirigir-se à Corte Celeste para não ser alvo dos risos e das críticas dos outros deuses, parou na Lua o planeta mais próximo da terra" (Wang, Alves, 2009, p. 73). E coberta de vergonha, solitária aí permaneceu, se não contarmos com Wu Gang (吴刚 Wú Gāng), o queixoso imortal de mau génio, e o Coelho de Jade (玉兔 Yùtù), que já aí se encontrava há muito a fabricar o elixir. A sua desdita foi perceber que a imortalidade de nada valia, sem com quem a poder partilhar. Portanto, uma existência a solo sem amor é o destino reservado pelos deuses a tiranos arrogantes e seres insensatos, que só pensam em si próprios, tanto na China como na Grécia Antiga. Fiquemos com as últimas palavras de Creonte:

Levem, pois, e para muito longe, o ser insensato que sou, o homem que sem o querer, te fez morrer, ó meu filho, e a ti, querida esposa! Desgraçado de mim! Não sei para qual destes dois mortos devo dirigir a vista, nem para onde encaminhar-me. Tudo o que tinha caiu por terra e uma imensa angústia abateu-se sobre a minha cabeça. (Gil, 135).

No entanto, quem desobedece não por impulso, mas por amor e na sequência de um ato de livre-arbítrio, ponderando e relativizando as leis humanas relativamente às divinas, mesmo que não escape à fatídica morte, como sucedeu com Antígona, vê a sua ação reconhecida e louvada por todos, pelas leis natural e humana, tanto na literatura da Grécia Antiga como na China. Os exemplos são muitos no País do Meio, mas tendo em conta a lógica e o espírito que anima este texto, gostaria de trazer um exemplo de uma imortal notável, He Xiangü (何仙姑 Hé Xiānggū), a única mulher do grupo dos Oito Imortais taoístas (八仙 Bā Xiān), venerada na China tradicional e contemporânea.

Segundo T.C. Lai, em *The Eight Immortals* (1977), ela possui como símbolos, além da flor de lótus, que representa a pureza e a beleza espirituais, uma escada de bambu, porque, de acordo com a lenda, tinha uma madrastra que a obrigava a trabalhar o dia inteiro: "apesar disso, portava-se com grande paciência filial e Lü

Tung Pin quis libertá-la daquela existência miserável. Foi encontrá-la ocupada na cozinha, ao ascender trouxe a escada com ela”. (Lai, 1977, p. 10). A verdade é que ajudada por um imortal, cuja fonética em *Pinyin*³ se lê Lǚ Dongbin (吕洞宾 Lǚ Dòngbīn), conseguiu escapar a uma ordem humana repressiva, encarnada numa madrasta cruel, que a obrigava a cumprir todas as tarefas domésticas em regime de exclusividade, sem outras ajudas e muito menos coração, portanto sem benevolência nem amor. O único que realmente a amou foi um imortal que a sabia pertencente a uma esfera divina e não humana, por isso a resgatou e a levou para outra dimensão. Ela optou por ser livre, rumando a um lugar que há muito trazia na mente, onde havia liberdade e justiça, sem opressores, nem oprimidos. Aliás, He Xiangxi desde cedo se revelara diferente, já que os dados biográficos da lenda a si associada a mantêm como virgem e a vaguear, sempre que lhe era permitido, em plena liberdade. Numa das versões até voava, como se tivesse asas. Por isso, subia e descia rapidamente a montanha, trazendo frutos da terra à sua mãe enquanto foi viva. Conta-se também que a certa altura se terá perdido numa colina, ao apanhar folhas de chá, tendo-lhe aparecido um padre; afinal era o imortal Lu Dongbin disfarçado, que lhe ofereceu um pêssego e, a partir daí, nunca mais sentiu fome.

Seja qual for a versão que se queira aceitar, o certo é que cedo optou por abandonar a casa, contra o estatuto feminino da época, que obrigava a um estrito recolhimento, escapando para realizar a sua verdadeira natureza. Utilizou o livre-arbítrio, optou por seguir a *physis* contra o *nomos*, passando a pertencer ao grupo mais famoso de imortais taoístas da China. Fazendo-se acompanhar pela escada, símbolo da fuga da ordem social e terrena, e flor de lótus, representando a ordem celestial à qual passou a pertencer.

Antígona e He Xiangxi, ao desobedecerem a leis do mundo humano, libertaram-se para uma ordem mais justa em que acreditavam e onde foram aceites entre seres divinos. Prepararam, com o seu exemplo, a emancipação feminina com muitos séculos de antecedência e mostraram, em termos literários, que qualquer um tem liberdade para dizer não a uma ordem caprichosa ou tirânica, sendo afinal a sua desobediência o livre cumprimento de uma lei maior, a da natureza, justificada como obediência ao espontâneo amor pela justiça.

Referências bibliográficas

- Gil, P. L. (S.d). (Trad.). *Antígona. Teatro Grego*. Lisboa: Edição Amigos do Livro.
- Lai, T. C. (1977). *The Eight Immortals*. Hong Kong: Swindon Book Company.
- Legge, J. (Org. e Trad.). (1994). *The Chinese Classics*. Vol. 4: *The She King*. Taipei: SMC Publishing Inc.
- Mundo Educação. (2024). “Desobediência civil” Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/politica/desobediencia-civil.htm>
- Santo Agostinho. (1989). *Comentário da Primeira Epístola de São João*. São Paulo: Paulinas.
- Waley, A. (Trad.) (1987). *The Book of Songs. The Ancient Chinese Classic of Poetry* (Novo prefácio por Stephen Owen). New York: Grove Weidenfeld.
- Wang, S., & Alves, A. C. (2009). Chang’ E Voou para a Lua. 嫦娥奔月. In *Mitos e Lendas da Terra do Dragão*. Lisboa: Caminho.

³ Alfabeto fonético chinês, que segue o Alfabeto Internacional, adotado na República Popular da China a partir de 1958.

Resumo

No presente artigo procura-se, num primeiro momento, analisar as influências orientais/chinesas no pensamento grego manifestado na conduta de Antígona, que nos chega através da tragédia de Sófocles. Num segundo momento, apresenta-se a ideia de liberdade através do conflito vivido pela heroína trágica, expresso com a oposição entre *nomos* e *physis*, e, por fim, reflete-se sobre a ideia de liberdade na China e no Ocidente.

Abstract

Firstly, the author seeks to analyze in this paper the Eastern/Chinese influences on Greek thought through the conduct of Antigone, brought to us by Sophocles' tragedy. Secondly, will be presented the idea of freedom via the conflict experienced by the tragic heroine, expressed in the opposition between *nomos* and *physis*, and finally the ideas of freedom in China and West will be examined.